



Declaração do CERQUI

Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional

22 de fevereiro de 2022

**À CLASSE OPERÁRIA, AOS DEMAIS TRABALHADORES
E À VANGUARDA MUNDIAL QUE LUTA PELO SOCIALISMO**

Estados Unidos empurram Rússia à guerra

Resposta proletária internacionalista



O conflito na fronteira da Ucrânia dura cerca de três meses. Na segunda semana de dezembro de 2021, a Rússia apresentou suas exigências aos Estados Unidos, para que cessassem o avanço da OTAN e desmontassem o cerco militar já existente.

A escalada desse braço armado do imperialismo norte-americano e europeu se iniciou poucos anos depois de sua criação em 1949, quando reuniu doze membros. Entre 1952 e 1990, se deu o primeiro passo expansionista, incluindo a Grécia, Turquia, Alemanha e Espanha. Nove anos depois, em 1999, foi a vez da Polônia, Hungria e República Checa. A todo vapor, a marcha da OTAN rumo ao cerco da Rússia, entre 2004 e 2009, incorporaria mais oito países - Bulgária, Romênia, Albânia, Eslováquia, Croácia e três ex-repúblicas soviéticas do Báltico, Lituânia, Estônia, Letônia. Na Cúpula da OTAN de Budapeste, em

O conflito na fronteira da Ucrânia dura cerca de três meses. Na segunda semana de dezembro de 2021, a Rússia apresentou suas exigências aos Estados Unidos, para que cessassem o avanço da OTAN e desmontassem o cerco militar já existente.

2008, a delegação americana, liderada por George W. Bush, defendeu o ingresso da Ucrânia e Geórgia. A Alemanha e França se opuseram, com a justificativa de que era prematuro. O choque separatista na Geórgia e o não convencimento majoritário dos ucranianos seriam impeditivos para a OTAN dar um passo nesse sentido. A Rússia, apesar de não integrar a organização mi-

litar, teve como se pronunciar. Vladimir Putin fez menção à segurança da Rússia e às possíveis reações contrárias. Como a decisão é por consenso, a ofensiva do governo Bush não prosperou, mas ficou plantada a semente, que germinou na crise ucraniana de 2013-2014, e que veio a florescer em 2021-2022.

A via para caminhar no sentido do ingresso da Ucrânia na União Europeia e, daí, na OTAN, foi a de um levante popular, apoiado pelo imperialismo, contra o governo títere da Rússia e a favor de sua

substituição por um governo servil das potências ocidentais. Os Estados Unidos aguardaram o momento propício em que a burocracia restauracionista ucraniana se despedaçasse, diante de uma população descontente com as condições de existência e com o regime apodrecido até a medula, e, principalmente, diante de uma completa desorganização da classe operária e dos demais trabalhadores. O choque interno deu lugar a um movimento separatista e à guerra civil na região de Donbass, envolvendo Donetsk e Luhansk, que se proclamaram repúblicas populares independentes, apoiadas pelo governo de Putin. Completa o quadro de ruptura, a anexação da Criméia pela Rússia. Os Estados Unidos impuseram sanções econômicas, mas não tiveram como reverter a divisão de parte do território ucraniano.

Os governos eleitos na Ucrânia se valeram da caricatura de democracia escorada pelas potências, para levantar a bandeira de independência, que lhes permitiria efetuar o objetivo de fazer parte da União Europeia e da OTAN. O aventureiro Volodimir Zelenski, presidente da Ucrânia, não mediu as consequências do que seria colocar o país sob o comando dos Estados Unidos e do aparato militar da OTAN, postados às portas da Rússia, já comprimida desde o Leste Europeu e Balcãs. A frustrada ofensiva de Bush, na Cúpula de Budapeste, tomava forma concreta na crise de 2014 e progredia em 2021.

É nesse marco que Putin e seus generais não viram alternativa a não ser recorrer à pressão militar sobre a Ucrânia, e, em certa medida, a Alemanha e França, que não viram com bons olhos, em 2008, o desprezo dos Estados Unidos ao precário equilíbrio da Europa, que tendia à desestabilização em consequência da crise econômica estrutural do capitalismo mundial, que passou a expor as contradições de fundo, que estiveram na base das duas guerras mundiais. Recrudescer o cerco militar à Rússia resultaria em alterar a engrenagem montada no pós-Segunda Guerra, que movimenta a superestrutura já em estado de avançada deterioração. Apenas de passagem, é preciso considerar a guerra comercial dos Estados Unidos e aliados com a Chi-

na, que tende a se agravar e aumentar as tensões militares na Ásia.

Os Estados Unidos acumulam uma vasta quantidade de capital parasitário represado, que precisa ser desaguado por meio do saque dos países semi-coloniais. Onde existir abundantes recursos naturais, o imperialismo tem a necessidade de controlar, como é o caso da Rússia e da região circunvizinha sobre a qual tem ascendência. A indústria bélica, dominada pelos monopólios norte-americanos, ocupa um lugar chave nas relações econômicas e financeiras parasitárias. A OTAN é um conduto por onde o Estado imperialista flui o capital parasitário, que, segundo o ex-presidente Trump, deveria contar com muito mais recursos dos grandes sócios europeus. Por meio desse braço armado, os Estados Unidos

passaram a exercer mais ostensivamente o seu poder econômico no pós-guerra e a desenvolver o combate à URSS e China, as principais colunas erguidas pelas revoluções proletárias.

Para o mal da humanidade, confirmaram-se as previsões de Lênin e Trotsky, de que, se a revolução mundial não avançasse, a transição do capitalismo ao socialismo poderia regredir e retardar muito mais a marcha histórica do desaparecimento da sociedade de classes. Em seus últimos esforços, Lênin travou a luta contra os primeiros sinais da burocratização do regime soviético e pela elevação da classe operária à condição de dirigente do Estado e da economia. Caso contrário, o estrangulamento da ditadura do proletariado interromperia a transição do capitalismo ao socialismo. Trotsky deu

continuidade a esse fundamento leninista da revolução proletária como parte da revolução mundial. Diante da sedimentação do processo de burocratização e das evidências inconfundíveis quanto à liquidação do partido bolchevique e da III Internacional, a Oposição de Esquerda Internacional concebeu a estratégia e o programa da revolução política. É nessa luta que Trotsky admitiu a possibilidade de a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) sofrer, finalmente, uma derrocada. No caso de a revolução política não se impor e não se restabelecer

É necessário recorrer às raízes das causas históricas, que levaram ao desfiguramento paulatino da URSS e ao seu desmoronamento final. Somente assim, a classe operária, os demais explorados e a vanguarda com consciência de classe podem levantar uma posição revolucionária diante do choque instalado e da possibilidade de uma guerra na Ucrânia, cujas duas principais forças são a do imperialismo norte-americano e a da autocracia russa restauracionista.

a democracia soviética, o retrocesso do movimento revolucionário mundial seria profundo. O capitalismo em decomposição elevaria a barbárie a níveis escabrosos. Nesse marco, ressurgiria, sob as cinzas da URSS, a velha dominação sobre as nacionalidades, que, por séculos, sustentou o Império Russo. Trotsky foi assassinado a mando de Stalin, em meio à Segunda Guerra Mundial, mas teve tempo de fundamentar o programa da revolução política como parte da revolução social mundial.

A vitória final do imperialismo viria a ocorrer em 1991, quando a burocracia governamental, herdeira do estalinismo em decomposição, não teve mais como manter a centralização autoritária e desmoronou, seguindo os objetivos do imperialismo, guiado pelos Estados Unidos e amparado na OTAN. Em consequência do caráter anárquico da crise política, o governo de Putin reconstituiu a centralização burocrática, asentada na oligarquia empresarial, que se desenvolveu durante os anos de estalinização e, principalmente, depois da “desestalinização” sob o comando de Khrushchov.

É necessário recorrer às raízes das causas históricas, que levaram ao desfiguramento paulatino da URSS e ao seu desmoronamento final. Somente assim, a classe operária, os demais explorados e a vanguarda com consciência de classe podem levantar uma posição revolucionária diante do choque instalado e da possibilidade de uma guerra na Ucrânia, cujas duas principais forças são a do imperialismo norte-americano e a da autocracia russa restauracionista.

Os Estados Unidos não admitem que a Ucrânia seja impedida de concluir sua subordinação à União Europeia e ao imperialismo norte-americano, assegurada pelas armas da OTAN, como tem ocorrido com a Polônia e as demais ex-repúblicas populares originadas na Segunda Guerra. Putin retiraria os soldados da fronteira com a Ucrânia, se Biden aceitasse o pleito mínimo da Rússia. A resposta americana de se realizar um acordo de controle de armas não passou de uma provocação. O problema está em que a Rússia já não pode ceder mais terreno com o desmoronamento da URSS e o avanço dos Estados Unidos na Europa Central e Oriental, promovido pela OTAN. A posição defensiva da Rússia, porém,

se faz pelos mesmos meios, métodos e objetivos do imperialismo, que são a opressão econômica, intervenção militar e anexações.

A Ucrânia se livrou do Estado Operário degenerado, para se lançar nos braços do Estado imperialista mais potente, saqueador e sanguinário, que substituiu na Segunda Guerra a velha hegemonia da Inglaterra. Trotsky e a Oposição de Esquerda Internacional, em sua luta contra a opressão da autocracia estalinista, logo no início da guerra, em 1939, defendeu o direito da Ucrânia à independência,

quando ainda existiam as bases soviéticas, sobre as quais originalmente conquistou a sua autodeterminação. Essa posição programática se opunha à burocracia oligárquica russa e à nacionalista ucraniana. Ao não se percorrer o caminho da real independência, a Ucrânia se tornou peão das forças desintegradoras do capitalismo, do confronto militar e dos perigos de uma guerra.

O fracasso da intermediação da França, para se chegar a um acordo entre Estados Unidos e

Rússia, demonstra que o imperialismo norte-americano se mantém inflexível em ceder a um acordo de “neutralidade” da Ucrânia, e admitir que a Rússia permaneça no controle das fronteiras e conserve a anexação da Crimeia. O reconhecimento do parlamento russo da independência de Donetsk e Luhansk oficializa um golpe sobre a unidade territorial da Ucrânia. É por essa via que Putin pressiona Volodimir Zelensk, presidente da Ucrânia, a aceitar um acordo que proíba a OTAN de se instalar no país. O reconhecimento das duas repúblicas, que se autoproclamaram “populares”, é a forma legal para avançar as tropas russas no interior da Ucrânia. Esse passo de Putin, com apoio dos partidos no parlamento, inclusive o do Partido Comunista, indica que o governo chegou à conclusão de que o impasse pode obrigá-lo a avançar uma força de ocupação, com o risco de guerra na Ucrânia.

Os Estados Unidos, no momento em que concentravam suas atenções na guerra comercial com a China e nas operações típicas de cerco militar, não esperavam essa ofensiva da Rússia. A ascensão econômica da China e a recuperação da Rússia, que saiu enfraquecida do desastre do desmoronamento da URSS, nas condições de crescentes impasses da eco-

O que está se passando na Ucrânia é uma erupção da contradição entre as forças produtivas altamente desenvolvidas, as relações de produção capitalistas e as fronteiras nacionais. Nesse marco, emergem as contradições do aumento da concentração de riqueza e ampliação da pobreza, miséria e fome das massas.

nomia mundial e, em particular, interna aos Estados Unidos, têm alterado a relação de forças no âmbito internacional. O imperialismo norte-americano já não pode assegurar, nos termos do pós-guerra e do colapso da URSS, as mesmas posições de dominação mundial. A ousadia de Putin de cercar a Ucrânia e exigir a segurança da Rússia contra a escalada militar da OTAN, bem como de obter apoio estratégico da China, revela profundas mudanças na ordem internacional, montada sob a égide dos Estados Unidos no pós-Segunda Guerra Mundial.

O que está se passando na Ucrânia é uma erupção da contradição entre as forças produtivas altamente desenvolvidas, as relações de produção capitalistas e as fronteiras nacionais. Nesse marco, emergem as contradições do aumento da concentração de riqueza e ampliação da pobreza, miséria e fome das massas. Os capitalistas, em toda a parte, vêm impondo contrarreformas que mutilam a força de trabalho e travam o desenvolvimento econômico dos países semicoloniais. O período de pouco mais de dois anos de enfrentamento à pandemia pôs à luz do dia o quanto a burguesia não tem como proteger os explorados, o quanto os monopólios farmacêuticos se aproveitaram da catástrofe humana para acumular fortunas, e o quanto as potências projetaram a guerra comercial por cima da montanha de mortos.

Agora, a possibilidade de guerra na Ucrânia retrata a dimensão da crise mundial de direção revolucionária, que se iniciou com a destruição das bases soviéticas da Revolução Russa pelo estalinismo, a liquidação da III Internacional, a degeneração dos partidos comunistas estalinizados em todo o mundo e a implantação generalizada da política de conciliação nos sindicatos. O confronto entre os Estados Unidos e a Rússia, por enquanto, emerge sem uma reação do movimento operário internacional. A passividade das massas na Rússia, Ucrânia, Polônia, Alemanha, França e, em praticamente, toda a Europa expressa a necessidade de superar a crise de direção. Somente o proletariado, organizado e empenhado em derrotar as ações contrarrevolucionárias da burguesia, tem como responder às tendências destrutivas da crise capitalista.

O Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI) vem fazendo uma campanha contra a guerra imperialista com suas Declarações, empunhando o programa internacionalista do proletariado. A união dos operários e demais

explorados russos, ucranianos, norte-americanos, poloneses, franceses, alemães e dos demais países envolvidos é o ponto de partida para a união revolucionária mundial das massas, para derrotar o imperialismo e arrancar do poder a burocracia oligárquica russa, reconstituindo o poder proletário soviético. A defesa da autodeterminação da Ucrânia e de sua reconstituição soviética é parte do combate à guerra de dominação capitalista e imperialista. Essa luta é muito importante para a vanguarda com consciência de classe recuperar a tradição científica do marxismo e trabalhar no terreno sólido aplainado pelo Programa de Transição da IV Internacional, que deve ser aplicado de acordo com as novas condições do capitalismo em decomposição e da vitória final do imperialismo sobre a URSS.

As bases materiais e sociais da transição do capitalismo ao socialismo continuam vigentes. Trata-se de construir os partidos marxista-leninista-trotskistas, como parte da reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional, para o proletariado encarnar a tarefa de reiniciar o processo de transição do capitalismo ao socialismo, iniciado com a revolução de Outubro de 1917 e com a edificação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

O Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional chama os explorados do mundo todo a reagirem ao confronto militar na Ucrânia, com seu programa e política próprios.

Pelo fim da OTAN. Imediata retirada das bases militares da Polônia, Romênia e outros países. Expulsão dos Estados Unidos da Europa.

Pelo fim do desmembramento e anexação territorial da Ucrânia! Pela reintegração de russos e ucranianos em Donetsk e Luhansk!

Pela união da classe operária contra a guerra, pelo fim do capitalismo e pela retomada da transição do capitalismo ao socialismo!

Pela derrota do nacionalismo pró-imperialista e restauracionista! Pelo internacionalismo proletário!

Não à guerra! Sim, à revolução socialista!